

PAISAGENS – ALGUNS EXEMPLOS NA LITERATURA DE EXPRESSÃO ALEMÃ

Maria Gabriela Fragoso

O relatório concebido pelo “Club of Rome” – *Limites do Crescimento* –, publicado em 1971/72, e a crise petrolífera de 1973/74 puseram em estado de choque muitos países industrializados, entre os quais a República Federal da Alemanha, dando origem a um aceso debate sobre as consequências de um desenvolvimento baseado no gigantismo e na exploração brutal dos recursos naturais. Data desta época a fundação do partido ecologista alemão federal Os Verdes (Die Grünen), com a apresentação de listas nos círculos eleitorais de Schleswig-Holstein, Niedersachsen e Hamburgo, ou seja, na zona geográfica em que decorreram os violentos protestos contra a instalação da central nuclear de Brokdorf, nos anos de 1975/76.

Acompanhando o crescendo de interesse da sociedade civil e a oposição firme à construção de reactores nucleares em solo alemão, os próprios meios de informação, que até então pouca atenção haviam prestado à preservação ambiental e à descaracterização paisagística, começaram a explorar conceitos como ecologia, erosão, esgotamento de recursos, buraco de ozono e, alguns anos mais tarde, de chuva ácida e de aquecimento global, contribuindo decisivamente para a popularização destes temas mas também para o incremento de sentimentos de insegurança.

Da parte dos cientistas veio o alerta para as causas do descalabro ecológico e para a necessidade de arrear caminho, de resistir à tentação de aceitar que luxos supérfluos e dispensáveis se tornassem imprescindíveis. Konrad Lorenz, investigador austríaco de fisiologia do comportamento e prémio Nobel de Medicina e de Fisiologia em 1973, lamenta que a humanidade civilizada, na sua insaciável ambição de tudo ter – que Lorenz designa por “*Psychologie des ‘Sofort-haben-Müssens’*” (Lorenz, 1973:27) – vandalize a natureza, apenas reconsiderando – quando o faz – caso os efeitos económi-

cos advenientes do descalabro ecológico se revelem arrasadores ou os perigos apareçam de forma tão óbvia que seria impossível negá-los. No que à paisagem diz respeito, Lorenz deixa bem claro que a sua descaracterização – que vai a par do avanço da civilização tecnológica – leva a um embrutecimento da sensibilidade estética e ética no ser humano.

O desaparecimento da paisagem está presente naquilo que hoje em dia nos é dado assistir nas grandes cidades, onde o anonimato que caracteriza as relações humanas acompanha a desumanização da vida quotidiana. Lorenz apresenta como exemplo típico a aglomeração dos habitantes em autênticos silos que pouco diferem, pela sua uniformidade, de colónias de formigas ou de térmitas. Não sendo a filogénese do humano idêntica à destes insectos – o que lhe permitiria aceitar a situação de ser apenas mais um elemento permutável entre muitos outros –, ele procurará preservar a sua individualidade e resguardar-se do seu semelhante. As terríveis e inestéticas divisórias separando varandas de vizinhos que não se conhecem nem pensam vir a conhecer-se, barreiras bem palpáveis que, nas palavras de Lorenz, “tornam o vizinho invisível”, porque há “o receio de encontrar nos olhos dele o reflexo desesperado do nosso próprio isolamento” (Lorenz, 1973:30), esse exemplo poderia ser complementado por um outro tipo de atitude isolacionista que nos é transmitida pelos “Schrebergärten” ou caramanchões, pequenas casas de jardim características da paisagem alemã suburbana e que Lorenz considera serem a expressão da procura da individualidade que se perdeu nos grandes centros.

O poema de Rainer Malkowski, *In der Laubenkolonie* (*No Caramanchão*), exhibe alguns elementos de autoisolamento e de construção de um espaço próprio que o aproxima da crítica civilizacional abordada por Konrad Lorenz:

Vor seiner frischgestrichenen Laube
(hoffnungsvoll grün)
der Schläfer:
die entfaltete Zeitung
auf dem Gesicht.
Frieden.
Frieden,
wenn man die Augen schließt.

Frente ao seu caramanchão pintado de fresco
(esperançosamente verde)
o homem dorme:
jornal aberto
sobre a cara.
Paz.
Paz
que aos olhos fechados se depara.

Em poucas palavras, o poeta mostra-nos um mundo fechado ao exterior: trata-se de um espaço privado, vedado, autêntico refúgio onde a paisagem é cultivada pelo esforço de criação individual. A casa, acabada de pintar – possivelmente pelo seu proprietário –, respira uma frescura e aproximação à natureza pelo tom “esperançosamente verde” que a reveste. Quanto ao jornal, é utilizado aqui, não como meio de informação e de contacto com o mundo exterior, mas sim enquanto objecto de separação desse mesmo mundo e coadjuvante da situação de alheamento máximo (“os olhos fechados”) em que o poema culmina. É, contudo, possível detectar sinais enganadores neste aparente idílio: a paz que o homem respira só se manterá enquanto o sono durar. Desperto para a realidade, o jornal se encarregará de o pôr a par dos desmandos deste mundo. Mas mesmo então a paisagem que ele próprio concebeu poderá ainda servir de barreira de protecção contra o mundo real de que o jornal não é senão mero veículo.

No seguimento da situação apresentada no texto de Malkowski, e em contraste com ela, o poema de Jürgen Becker, *Natur-Gedicht* (*Poema-Natureza*), confronta-nos com a paisagem que se nos depara do lado de fora, no exterior da casa:

In der Nähe des Hauses,
der Kahlschlag, Kieshügel, Krater
erinnern mich daran –
nichts Neues; kaputte Natur,
aber ich vergesse das gern,
solange ein Strauch steht.

*

Perto da casa,
a clareira, cascalho em monte, cratera
lembram-me –
nada de novo; natureza estragada,
mas depressa esqueço,
desde que um arbusto se mantenha.

Não estamos perante um poema da natureza (*Naturgedicht*) no sentido que se dá às dezenas de textos escritos em língua alemã, entre os séculos XVIII e XIX, por poetas como Ludwig Höltz, Ludwig Uhland, Joseph von Eichendorff ou Eduard Mörike, mas sim face a uma reflexão sobre a natureza enquanto resultado de uma prática intervencionista agressiva, encorajada pela urbanização e pela industrialização iniciadas em território alemão a partir de meados do século XIX, já que, até essa altura, e exceptuando o arroteamento florestal, grandes parcelas ainda se mantinham relativamente preservadas.

O hífen que separa os dois substantivos do título (*Natur-Gedicht*) é, por si só, sinal de ruptura com uma tradição profundamente enraizada no imaginário germânico e coarcta à partida quaisquer expectativas que possamos ter de vir a encontrar no poema um tratamento convencional do tema. A leitura dos cinco curtos versos comprova aquilo que o título já deixara adivinhar – trata-se de uma paisagem danificada, quase destruída e ameaçadoramente próxima do reduto de privacidade que é a “casa”. Haver ainda um arbusto que resiste não amaina, antes intensifica o sentimento de perda. Quanto à capacidade de reacção do ser humano, encontra-se enfraquecida, pois este limita-se a constatar e a aceitar a realidade que se lhe apresenta (“nada de novo; natureza estragada”), recorrendo a um adjetivo da linguagem corrente, *kaputt*, que está em consonância com a banalidade rotineira da destruição paisagística. É de realçar a utilização das aliterações enquanto meio estético que reforça a agressividade da destruição: *Kahlschlag, Kieshügel, kaputt*.

A pequena esperança que a visão do arbusto insufla no sujeito apresenta-se como uma âncora de salvação num espaço circundante que dia a dia se desfeia. Mas a possibilidade de usufruir esteticamente desse pequeno luxo está prestes a quebrar. Resistirá enquanto um arbusto se mantiver. Resta saber por quanto tempo mais.

Este poema de Jürgen Becker levanta algumas questões que interessa relacionar com certas tomadas de posição de investigadores das relações entre o ser humano e o seu meio ambiente. Regressando a Konrad Lorenz e aos perigos de desumanização que ameaçam o ser humano, sobressai a ideia, já inicialmente referida, de que a beleza paisagística e o equilibrado enquadramento do humano no meio circundante são essenciais à preservação da sensibilidade estética e de um espírito minimamente são. O que nos remete para uma exigência que não é nova, mas que cada vez tem mais dificuldade em se afirmar: trata-se do direito que a cada um de nós assiste de usufruir esteticamente de uma paisagem onde a natureza ainda tenha lugar. Já em 1962, a conhecida obra de Rachel Carson, *Silent Spring* (*Primavera silenciosa*), considerava que “para o habitante dos subúrbios que se alegra com as aves no seu jardim (...), qualquer coisa que destrua a vida selvagem numa área, mesmo que seja só durante um ano, priva-o de um *prazer ao qual ele tem legitimamente direito* (*sublinhado da autora*). (Carson, 1962:102)

Ainda que a alguns espíritos mais pragmáticos e confiantes na capacidade de auto-regeneração da natureza possa parecer ridícula uma tal observação, ainda que se advogue, como o faz o professor de estética, Alain Roger, que a noção de paisagem é uma criação citadina, não tendo necessariamente a ver com valores ecológicos (Roger,1997:126)), e que se aceite de bom grado a substituição de paisagens naturais por “complexos industriais, por cidades futuristas” ou mesmo pela “pujança paisagística de uma autoestrada” (Roger,1997:113), resta saber se é possível viver rodeado pela estética do feio, se é legítimo violentar a sensibilidade de quem a recusa na vida quotidiana – embora possa até apreciá-la no seu devido enquadramento artístico – se é, enfim, responsável pagar com danos ambientais irreparáveis a fruição estética de tão moderna paisagem.

A este propósito, o exemplo apresentado por Rolf Peter Sieferle é revelador de uma mentalidade a que não repugna a delapidação do património natural em nome da utilidade imediata, do contínuo crescimento económico que produz exigências cada vez mais exorbitantes. De acordo com Sieferle, tal como as aves há muito aprenderam a usar as antenas de televisão como substituto dos ramos, assim também o ser humano há-de um dia conseguir ver os postes de alta tensão como florestas que vieram substituir as árvores desaparecidas.(Sieferle,1989:259-260) A menos que a capacidade de sonhar nos tenha abandonado de vez – e se tal acontecer estaremos já perante um outro ser humano que não aquele que hoje conhecemos –,a tendência dominante será sempre a de imaginar paraísos de variedade e de bem estar, de deleite estético e ético, de encantamento, de recolhimento, quer esses paraísos se chamem Arcádia ou Atlântida, quer sejam projectados no passado ou no futuro.

Um último exemplo permitirá ilustrar essa tão humana demanda de uma paisagem que hoje em dia se esvai perante a nossa impotência. O poema de Christoph Meckel, *Andere Erde (Outra Terra)* coloca o leitor perante a visão de horror de uma natureza perfeitamente controlada e administrada:

Wenn erst die Bäume gezählt sind und das Laub
Blatt für Blatt auf die Ämter gebracht wird
werden wir wissen, was die Erde wert war.
Einzutauchen in Flüsse voll Wasser
und Kirschen zu ernten an einem Morgen im Juni
wird ein Privileg sein,nicht für Viele.
Gerne werden wir uns der verbrauchten Welt
erinnern, als die Zeit sich vermischte
mit Monstern und Engeln, als der Himmel
ein offener Abzug war für den Rauch
und Vögel in Schwärmen über die Autobahn flogen

(wir standen im Garten, und unsere Gespräche
hielten die Zeit zurück, das Sterben der Bäume
flüchtige Legenden von Nesselkraut).
Shut up. Eine andere Erde, ein anderes Haus.
(Ein Habichtflügel im Schrank. Ein Blatt. Ein Wasser).

*

Quando as árvores forem contadas e a folhagem
for levada, folha a folha, às autoridades
saberemos então quanto a Terra valia.
Mergulhar em rios cheios de água
e colher cerejas numa manhã de Junho
será um privilégio, não para muitos.
Com prazer recordaremos o mundo gasto,
em que o tempo se misturava
com monstros e anjos, quando o céu
era uma saída para o fumo
e as aves voavam em bandos sobre a autoestrada
(estávamos no jardim, e as nossas conversas
retinham o tempo, a morte das árvores
lendas voláteis sobre urtigas).
Shut up. Uma outra Terra, uma outra casa.
(Uma asa de açor no armário. Uma folha. Uma água.)

O prognóstico apresentado no início do poema não podia ser mais lúgubre. Uma espécie vegetal vê-se submetida à fria avaliação quantitativa, numérica, de instituições burocráticas. É evidente que esta riqueza natural se tornou tão escassa que é possível, não só fazer a contagem de cada árvore individual, como também de cada folha. E embora o tempo verbal utilizado remeta esta situação para o futuro, qualquer leitor minimamente informado saberá que o levantamento sistemático da cobertura vegetal – seja para fins científicos ou para dar lugar a um qualquer empreendimento lucrativo – é hoje uma realidade, pelo menos nos países da Europa Central e da América do Norte. Por outro lado, não será necessário sublinhar a importância de que a árvore se reveste enquanto símbolo do todo vegetal a que pertence, nem recordar as imagens que cada vez mais frequentemente nos são dadas ver de pessoas que, em desespero de causa, se amarram a uma árvore, tentando com isso evitar o seu abate.

Subliminarmente, todas estas questões estão presentes no início do poema. Mas o pior ainda está para vir. Na continuação da leitura, fica-nos a certeza de que a pouca natureza que ainda temos (e que o poema coloca no passado – é o exemplo do *jardim* onde “as conversas retinham o tempo”, retinham “a morte das árvores”) é um luxo quando comparada com o que nos espera no final: “Uma outra Terra, uma outra casa./ (Uma asa de açor no

armário. Uma folha. Uma água”). Em suma, fragmentos dispersos de natureza guardados como relíquias, como recordação de uma Terra que é já pertença do passado.

Os três poemas aqui referidos – *In der Laubenkolonie/No Caramanchão*, *Natur-Gedicht/Poema-Natureza*, *Andere Erde/Outra Terra* – são uma resposta da literatura à crise ecológica que ameaça a nossa época, são o complemento necessário às posições mais pragmáticas de cientistas, jornalistas ou ambientalistas. Têm os três em comum o alertar para a dificuldade de, nos dias de hoje, se conseguir usufruir, não já de amplas paisagens naturais – o que seria utópico –, mas de preservar a inviolabilidade de pequenas paisagens individuais, único refúgio ainda possível ao habitante do meio urbano. Ao darem voz a tão legítimo direito, agarram o pouco que resta – seja o caramanchão ou o jardim (nos poemas *In der Laubenkolonie* e *Andere Erde*), seja o pequeno arbusto que teima em manter-se de pé (no poema *Natur-Gedicht*). Em qualquer um dos três casos trata-se de uma atitude estoica, perseverante, de resistência passiva por parte de quem assim procede. É talvez uma resposta possível aos responsáveis pelo desenvolvimento sem limites, pois representa um exemplo de contenção, como que a dizer que só através da desaceleração e da simplificação ou redução das necessidades se poderá atingir um desenvolvimento sustentável, de acordo, aliás, com a tese defendida por não poucos cientistas – entre os quais se contam o já citado Konrad Lorenz, mas também E.F.Schumacher, com o seu conhecido estudo sobre uma economia em que as pessoas também contam (*Small is beautiful*, 1973), ou Carl Friedrich von Weizsäcker (1987:125), a quem fomos buscar a conclusão desta nossa análise:

“Die Meinung, man müsse alles, was technisch machbar ist, auch wirklich machen, ist ein kindlicher Allmachtstraum, rührend bei einem Kind, verbrecherisch bei einem Erwachsenen.”

*

“A ideia de se ter de realizar tudo o que é tecnicamente realizável é um sonho megalómano imbuído de infantilidade, enternecedor numa criança, mas criminoso num adulto.”

Bibliografia e Notas

- Becker, Jürgen, “Natur-Gedicht”, in: *Das Ende der Landschaftsmalerei*. Frankfurt/Main: Suhrkamp Verlag, 1974.
- Carson, Rachel, *Primavera silenciosa* (Título original: *Silent spring*), Lisboa: Editorial Pórtico, 1962.
- Lorenz, Konrad, *Die acht Todsünden der zivilisierten Menschheit*. München: R.Piper & Co. Verlag, 1973.

- Malkowski, Rainer, "In der Laubenkolonie", in: Zu Gast. Frankfurt/Main: Suhrkamp Verlag, 1983.
- Meckel, Christoph, "Andere Erde", in: Wen es angeht. Gedichte. Mit Graphiken des Autors. Düsseldorf: Eremiten-Presse, 1974.
- Roger, Alain, Court traité du paysage, Paris: Éditions Gallimard, 1997.
- Sieferle, Rolf Peter, Entstehung und Zerstörung der Landschaft. In: Landschaft. Hrsg.von Manfred Smuda. Frankfurt/Main 1989.
- Von Weizsäcker, Carl Friedrich, "Technik als Menschheitsproblem"(1987), in Das Carl Friedrich von Weizsäcker Lesebuch. München: Carl Hanser Verlag, 1992.